



**TRANSNACIONALISMO NAS LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: ENTREVISTA COM STEFAN HELGESSON**

*TRANSNATIONALISM IN PORTUGUESE-LANGUAGE LITERATURES:
INTERVIEW WITH STEFAN HELGESSON*

*TRANSNACIONALISMO EN LAS LITERATURAS EN LENGUA
PORTUGUESA: ENTREVISTA A STEFAN HELGESSON*

Marcello Giovanni Pocai Stella¹

RESUMO

A presente entrevista com Stefan Helgesson, Professor de Literatura do Departamento de Inglês da Universidade de Estocolmo, busca compreender como em um de seus livros, *Transnationalism in Southern African Literature*, o autor combina abordagens teóricas e metodológicas para comparar as literaturas africanas de língua inglesa, notadamente o caso sul-africano, com as literaturas africanas de língua portuguesa, especialmente o caso moçambicano. Além deste trabalho em específico, o autor também comenta sobre sua trajetória e outros trabalhos realizados ao longo de sua carreira.

PALAVRAS-CHAVES: Transnacionalismo, Literatura mundo, Campo literário.

ABSTRACT

*The present interview with Stefan Helgesson, Professor of Literature in the English Department at Stockholm University, seeks to understand how in one of his books, *Transnationalism in Southern African Literature*, the author combines theoretical and methodological approaches to compare English-speaking African literatures, notably the South African case, with Portuguese-language African literatures, especially the Mozambican case. In addition to this specific work, the author also comments on his trajectory and other works carried out along his career.*

KEYWORDS: *Transnationalism, World literature, Literary field.*

RESUMEN

*La presente entrevista con Stefan Helgesson, Profesor de Literatura en el Departamento de Inglés de la Universidad de Estocolmo, busca comprender cómo en uno de sus libros, *Transnationalism in Southern African Literature*, el autor combina enfoques teóricos y metodológicos para comparar las literaturas africanas anglófonas, en particular la sudafricana, con las literaturas africanas en lengua portuguesa, especialmente el caso mozambiqueño. Además de este trabajo específico, el autor también comenta su trayectoria y otros trabajos que realizó a lo largo de su carrera.*

PALABRAS-CLAVE: *Transnacionalismo, Literatura mundial, Campo literario.*

1 Universidade de São Paulo, marcello.stella1@gmail.com.



Introdução

Apesar de não ter nenhum de seus trabalhos ainda traduzidos para o português², Stefan Helgesson é desde muito jovem um falante do idioma, como conta no presente diálogo. Antes mesmo de iniciar sua vida universitária pôde ter contato com a língua portuguesa em Moçambique, onde seu pai foi pastor protestante e alfabetizador. A passagem da família sueca pela África se iniciou primeiro na África do Sul e em seguida na antiga colônia portuguesa, onde o entrevistado permaneceu até os 17 anos. Como conta na conversa esse período serviu de impulso para se dedicar a compreensão e investigação das literaturas africanas, em seus contextos locais, nacionais, trans e internacionais.

A tese de doutorado de Helgesson, defendida em 1999 na Universidade de Uppsala, abordou os autores Njabulo Ndebele, Nadine Gordimer e J. M. Coetzee e suas relações com os embates políticos do país nos anos 1980 (HELGESSION, 2004). Entre a conclusão de seu doutoramento e a assunção do cargo de professor de literatura do Departamento de Inglês da Universidade de Estocolmo, em 2010-2011, o pesquisador participou de projetos de pesquisa de relevo relacionados ao estudo das dinâmicas de circulação, produção, tradução e consagração de obras literárias e seus autores no contexto literário global. Também no período mencionado, o autor concluiu um pós-doutorado na Universidade de KwaZulu-Natal, em Pietermaritzburg, na África do Sul. É a partir do livro que se originou dessa pesquisa, *Transnationalism in Southern African Literature* (HELGESSION, 2011b), que a entrevista está baseada.

Na obra Helgesson estabelece uma comparação entre as literaturas africanas de língua portuguesa e de língua inglesa, enfocando para tal principalmente os casos sul-africano e moçambicano. Para empreender tal análise procede a um uso criativo e ponderado das teorias bourdieusianas de campo (BOURDIEU, 1991, 1996), dos trabalhos de Pascale Casanova (2002) sobre a república mundial das letras e de Friedrich Kittler (1990) sobre as redes discursivas.

Dentre os vários artigos e livros que publicou na sequência, vale destacar sobre os casos brasileiro, português e africano de língua portuguesa os seguintes artigos: “Clarice Lispector, J. M. Coetzee and the Seriality of Translation” (2010a); “Literary Hybrids and the Circuits of Translation: The Example of Mia Couto” (2010b); “Modernism under Portuguese Rule: José Craveirinha, Luandino Vieira and the Doubleness of Colonial Modernity” (2011a); “João Paulo Borges Coelho, João Albasini and the Worlding of Mozambican Literature” (2013); “Pessoa, Anon, and the Natal Colony: Retracing and Imperial Matrix” (2015). Recentemente entre os interesses de Helgesson também se encontra o método de crítica literária desenvolvido por Antonio Cândido e levado adiante por seus estudantes (“Literature’, Theory from the South and the Case of the São Paulo School” – 2018a).

2 Visando suprir esta lacuna, o primeiro artigo traduzido em português de Helgesson está agora publicado na presente edição da Mulemba, no mesmo dossiê que esta entrevista integra, intitulado “Deslocando campos: Imaginando a renovação literária em *Itinerário e Drum*”.

Além dos diversos artigos citados Helgesson é autor de obras que se tornaram referência para os estudos sobre literatura mundo e transnacionalismo literário entre elas destaco: *Institutions of World Literature: Writing, Translation, Markets* (HELGESSION; VERMEULEN, 2015) e *Literature and the World* (HELGESSION; THOMSEN, 2019). Como já mencionado, embora ainda não traduzido para o português, sua obra se coloca como uma referência basilar para todos que estudam a produção, circulação, tradução e consagração literária mundial, notadamente das literaturas africanas de língua inglesa e portuguesa. Espera-se que essa entrevista e este dossiê publicado pela revista Mulemba sirvam de apoio para mais traduções e publicações do autor no Brasil, o que seria uma forma de reciprocidade, dado que Helgesson além dos trabalhos acadêmicos, como conta na entrevista, traduziu o livro *Primeiras Estórias* de Guimarães Rosa para o sueco, se colocando assim, igualmente, como um mediador e divulgador da cultura brasileira no exterior.

*

Entrevistador: No seu livro *Transnationalism in Southern African Literature* você começa citando a atuação do seu pai em Kensington, Joanesburgo na década de 1970 em um escritório chamado Birô de Letramento e Literatura. E cita as visitas que fez a África do Sul como importantes influências na sua escolha temática e na escrita do livro. Você poderia falar um pouco mais sobre suas origens familiares e sobre seu pai e a atuação dele? Você afirma que as ações dele no combate à falta de letramento foram tão bem sucedidas que o governo do apartheid decidiu se infiltrar nelas. Poderia falar mais disso também.

Stefan Helgesson: Eu nasci na África do Sul em Joanesburgo e vivi lá, com passagem também por Moçambique, onde fiquei até os 17 anos. Saímos de África somente entre 1977 e 1981 quando estivemos na Suécia. Quando nasci meus pais já vinham de uma longa estada na África Austral. Eles trabalhavam desde 1950 à serviço da Igreja Metodista na região. Eram missionários, mas missionários modernos e ilustrados, vamos dizer, a antítese dos cristãos e evangélicos de direita, cuja influência é tão destruidora no Brasil. Meu pai trabalhou como pastor, redator e professor, principalmente no campo da alfabetização. O *Bureau of Literacy and Literature* existiu de fato. Hoje o chamaríamos de ONG, tinha a tarefa de ensinar a escrita e a leitura entre as camadas rurais e pobres da população, isso tudo inspirado em Paulo Freire e na sua pedagogia do oprimido. Meu pai, que era sueco, projetou manuais escolares que foram produzidos em oito línguas africanas diferentes. Foi um verdadeiro sucesso e por esse motivo que sua organização foi infiltrada pelo governo. Lembro que nosso telefone foi grampeado e a polícia secreta visitou o gabinete do meu pai várias vezes. Em resumo, sim esta origem tem influenciado a minha vida profissional e os focos de minhas pesquisas. Comecei a escrever uma tese sobre três autores sul-africanos.

Entrevistador: No livro você cita que a obra foi escrita e as pesquisas realizadas em Pietermaritzburg (África do Sul), na Universidade de KwaZulu-Natal. Você poderia situar o livro na sua trajetória acadêmica e pessoal, e em que circunstâncias teve a ideia do projeto do livro, como viabilizou isto e depois como se deu o processo de pesquisa (viagens, trabalhos em arquivos, entrevistas, etc.), quais foram as principais dificuldades e quais as descobertas de pesquisa que mais chamaram sua atenção.

Stefan Helgesson: Como disse, a minha tese de doutoramento que defendi em 1999 abordou a obra de autores sul-africanos anglófonos, mas com a minha experiência pessoal em Moçambique tendo vivido lá nos anos 1980, sempre soube que a literatura sul-africana não deveria ser confundida com a totalidade das literaturas da África Austral. Vi também que a ignorância acerca das literaturas lusófonas nos campos anglófonos e nos campos de estudos pós-coloniais de literatura africana era quase total. Com poucas exceções, claro. Na época da virada do milênio havia também um interesse renovado pela literatura mundial e no início do meu pós-doutoramento eu fazia parte de um projeto sueco, cujo resultado foi publicado em 2006, em 4 volumes, *Literary History: Towards a Global Perspective* (PETTERSSON; LINDBERG-WADA; PETERSSON; HELGESSON, 2011) – esta foi a minha primeira tentativa de contribuição para a construção do meu próprio projeto. Minha aproximação das literaturas de Angola e Moçambique tinha começado, e foi aí que descobri os contornos de uma história literária transregional e translinguística que ainda estava por se escrever. Na mesma época, tive a sorte de ganhar uma bolsa de pós-doc e fomos embora, toda a família, com três crianças para Pietermaritzburg. Ali trabalhava entre outros com David Attwell e Liz Gunner, dois investigadores de estudos literários muito influentes na África do Sul.

Foi então uma ótima base para desenvolver o meu projeto, e a Universidade de KwaZulu-Natal tinha uma biblioteca impressionante, também seminários com muita energia e intensidade. O ambiente intelectual e literário na África do Sul é um pouco contraditório, de um lado precário e marginalizado em termos estruturais, de outro lado muito mais vigoroso do que no norte da Europa. Pode ser comparado com a situação no Brasil. Sem esquecer que o sistema literário brasileiro é muito mais amplo do que o sul africano. Mesmo assim, a estrutura de Maritzburg era insuficiente, visitei o Arquivo Histórico em Maputo, a Biblioteca Nacional em Lisboa e um arquivo que já se chamou *National English Language Museum* (NELM), mas agora se chama Amazwi (*Amazwi South African Museum of Literature*) em Grahamstown/Makanda. É uma palavra que significa vozes. E pessoalmente dialoguei muito com Francisco Noa, Ana Mafalda Leite, Isabel Hofmeyr, entre outros. Infelizmente, nunca consegui visitar Angola. Angola é como se diz em inglês *another kettle of fish*. É, parece-me, muito difícil entrar no sistema burocrático angolano. Porém, um dia espero poder ir.

Isso ilustra um desafio nesse gênero de pesquisa, no chamado Norte estamos acostumados a ter acesso a arquivos impecáveis, profundos e bem organizados. Na África existem ótimos

arquivos, como Amazwi, o Arquivo Histórico em Maputo também é maravilhoso. Contudo, as instituições especialmente fora da África do Sul são fracas e subfinanciadas. Os materiais às vezes são não catalogados, são ocultados, e por vezes estão incompletos. Isso significa que muitas vezes a pesquisa tem que seguir um trilho de recomendações ou recordações pessoais, um tipo de trabalho de detetive. Hoje em dia com a digitalização de documentos a situação está mudando com rapidez e em África também. Entretanto, escrevi este livro pouco antes da grande onda digital. E sim, sobre a minha trajetória o que posso mencionar é que foi através deste trabalho que descobri a literatura brasileira. Também o campo da crítica literária brasileira, inclusive durante os últimos dez anos tenho estudado e pesquisado bastante sobre literatura brasileira, Euclides da Cunha, Clarice Lispector, etc. Até traduzi com um colega brasileiro o livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa para o sueco. Aliás, difícilíssimo de traduzir.

Entrevistador: Você começa o primeiro capítulo afirmando que o transnacionalismo foi uma condição imposta pelos impactos do colonialismo tardio e pelo potencial migrante da mídia impressa nas literaturas da África Austral. O período estudado no livro no caso das literaturas africanas de língua oficial portuguesa e de língua inglesa vai até antes das independências, que novos impactos o transnacionalismo trouxe para essas literaturas após as libertações nacionais? Quero dizer, quais transnacionalismos passaram a atuar mais no período pós-colonial?

Stefan Helgesson: É uma pergunta muito interessante, mas também enorme. Vamos a algumas ideias. Após 1975, a literatura em Angola e em Moçambique foi integrada pelos governos socialistas no projeto de formar uma identidade nacional, mas também internacionalista, no sentido socialista. Então fundaram associações oficiais de escritores, como a Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) e também divulgaram livros a baixo custo. Salvo engano lembro que Luandino Vieira até foi Ministro da Cultura em Angola.

Entrevistador: Pepetela foi Ministro da Educação.

Stefan Helgesson: Sim, sim. O que quer dizer que o transnacionalismo nessa época curta de socialismo era do gênero socialista, com um espírito de tricontinentalismo. Talvez conheça Robert Young, ele tem se debruçado sobre essa temática. Todavia, vemos igualmente um tipo de resistência contra o discurso oficial. Notadamente numa revista como *Charrua* que foi publicada em Maputo em meados de 1980, e teve uma importância enorme para a literatura moçambicana.

Porém, em *Charrua*, jovens escritores na época, como Ungulani Ba Ka Khosa e Eduardo White, entre outros, cultivavam um tipo de vanguardismo, que tinha pouco a ver com o realismo socialista. Era uma vanguarda mais afinada com um tipo de cosmopolitismo modernista que era mais vinculado com a República Mundial das Letras, no termo tal qual pensado por Pascale Casanova. Mais tarde na época de 1989 até 1994 vem uma ruptura profunda com a queda do Muro de Berlim, a abertura política na África do Sul, o fim das guerras em Moçambique e Angola, e a aceleração da globalização capitalista. E o que posso dizer sem escrever um ensaio,

é que a ruptura reforçou as redes transnacionais da língua inglesa, em primeiro lugar. Mas, também, da língua portuguesa. O sucesso de Mia Couto, por exemplo, data-se dessa época, mas, também, o grande avanço global das obras de J. M. Coetzee, o sul-africano, e também com 10 anos de atraso as obras de José Eduardo Agualusa e Ondjaki. Isso não significa que os campos nacionais perderam toda a sua importância, no entanto a sua dinâmica interna está a meu ver, determinada cada vez mais pelos vínculos pessoais e estruturais com o mundo de fora: os Estados Unidos, Europa, mesmo Quênia e Nigéria. Há que se diferenciar também entre todos os países a situação da África do Sul, que é mais voltada para os Estados Unidos e Inglaterra em primeiro lugar, depois para os países anglófonos africanos (Nigéria, Quênia, Zimbábue são os mais importantes).

Angola parece-me dos africanos o mais lusófono. As conexões internacionais são, talvez, principalmente com Brasil, Portugal e Moçambique. Já este último é um pouco diferente, porque o inglês também tem uma presença. Porém, a tragédia nesse desenvolvimento é que as línguas africanas são marginalizadas. Isto para mim é o resultado da última fase de globalização.

Entrevistador: No livro você faz uma junção interessante dos instrumentos teóricos de Kittler sobre redes discursivas e da teoria dos campos de Bourdieu e seus desenvolvimentos, principalmente os elaborados a partir de sua discípula Pascale Casanova. Poderia me falar sobre os limites e vantagens de cada abordagem e como do seu ponto de vista a junção delas beneficiou sua pesquisa?

Stefan Helgesson: Não sou um bom bourdieusiano, nem um verdadeiro kittleriano. Mesmo assim, aceito a noção de campo como um meio capaz de conceituar as relações internas e a dinâmica externa da literatura no mundo moderno. Não podemos buscar todas as respostas no conceito de campo, pois tem seus limites como meio de interpretação. É um meio de conceituar a função da literatura no mundo interno da literatura.

Antonio Candido pensou nisso também, com seu sistema literário, anos antes de Bourdieu. Contudo, na história colonial e pós-colonial da escrita e da imprensa em África parece-me que há também um elemento aleatório e imprevisível. Que introduz uma outra lógica de leitura e precisa da teoria da rede discursiva, um exemplo no livro é o da autobiografia de Ezekiel Mphahlele, um escritor sul-africano, onde ele narra uma lembrança de como entrou em contato com uma cópia de *Dom Quixote*, ele a encontrou por acaso no lixo quando era criança. E essa descoberta transformou a vida dele, pois ele leu e releu o livro várias vezes, isso sem saber nada sobre a vida literária ou da profissão de escritor, etc. Quer dizer que a reprodução e o espriamento de textos no espaço, com uma duração que escapa ao controle absoluto dos poderes políticos são fatores que complicam a noção de campo. Entretanto, essas qualidades da rede discursiva, serão claro, muitas vezes absorvidas no campo. Mas a rede e o campo não são a mesma coisa. Como escrevo no livro, a rede distribui o poder e o campo o concentra. E

atualmente tenho pensado um pouco diferente, diria que na rede o poder é uma potencialidade e no campo o poder sempre se atualiza.

Entrevistador: No capítulo sobre a crítica literária de *Drum e Itinerário* você faz uma ressalva quanto ao uso da noção bourdieusiana de campo para contextos como os espaços africanos de língua portuguesa e inglesa da África austral, talvez pudéssemos dizer em outras palavras, do uso da noção de campo em contextos de baixa autonomia, ou contextos dominados/periféricos. Poderia falar mais sobre os limites da noção de campo nesses contextos?

Stefan Helgesson: É um assunto muito complexo e, de fato, não escrevi muito no livro pois não tive tempo, mas há um pesquisador que se chama Jarad Zimble, sul-africano, que escreveu em 2009 um bom artigo na revista *Textual Practice* (ZIMBLER, 2009), sobre os limites do uso da noção de campo na África do Sul. Disse em resumo que o conceito de autonomia literária numa sociedade tão repressiva como África do Sul, sob Apartheid, tinha de incluir a política em sua construção. É uma ideia que não insiste em termos como periferia, só quer mostrar a lógica endógena desse campo. E lembro de Candido outra vez, quando ele diz que a literatura no Brasil sempre foi empenhada. Bourdieu diria, talvez, ou Casanova, que isso mostra exatamente que os campos não são autônomos. Mas também, é possível que Bourdieu, mesmo, definia a autonomia sob a influência da história literária francesa e talvez tenhamos que nutrir a ideia que a autonomia, bem como a própria definição de literatura, pode ser diferente em outras sociedades. Isso é uma possível resposta, porém é claro que a fraqueza e a marginalização também são fatores que tem um impacto na vida literária. O que falta, talvez, na ideia de campo é uma ideia das ecologias literárias, que possivelmente existam formas literárias como as formas orais, que não entram no campo e nem no sentido europeu da literatura, as quais podemos abordar como pesquisadores de literatura. Todavia é uma questão bastante intrincada e complexa.

Entrevistador: Outra questão forte que aparece no livro como um todo e mais especificamente no último capítulo sobre os escritores realistas (Castro Soromenho, Nadine Gordimer e Luís Bernardo Honwana) é a tensão entre uma visão utópica e positiva do letramento, da literatura e dos meios impressos (como uma possibilidade de emancipação e superação do poder colonial e seu legado) e por outro lado uma visão mais pessimista e negativa destas mesmas instituições (como aspectos de permanência e herança de dominação colonial, geradora de desigualdades perenes). Isto se coloca na análise das obras de autores que produziram e publicaram suas obras antes das independências, o senhor acha que essa questão é ainda válida? Quero dizer, podemos ler os autores que publicaram no período pós-colonial ainda a partir dessa tensão e ambiguidade?

Stefan Helgesson: No fundo sou um otimista, mesmo nesses tempos horríveis em que vivemos. No que diz respeito à literatura, as tecnologias midiáticas e o uso criativo da língua, insisto outra vez no imprevisível. Na possibilidade nem sempre realizada do evento inesperado

é por isso que escrevo sobre essa tensão nas narrativas daquela época. Acho que esse foi um capítulo que ficou sem uma conclusão clara, mas quis resistir à ideia de um determinismo discursivo e tecnológico. Contudo, você me perguntou se podemos ler os autores no período pós-colonial a partir dessa tensão e acho que talvez não possamos. Atualmente isto está fora de questão, porque vivemos em um outro mundo em termos midiáticos e tecnológicos. As populações de Angola, Moçambique e da África do Sul são muito mais letradas hoje em dia e por isso não existe o mesmo drama acerca da palavra escrita e impressa, pois no período colonial tardio, a palavra escrita e impressa era ainda um tipo de símbolo, uma porta de entrada para a modernidade. Hoje acho que não tem esse peso simbólico.

Entrevistador: No seu livro, o vínculo entre formas de compromisso local e conectividade transnacional aparece como um elemento chave para se compreender a formação dos campos nacionais da África Austral de língua oficial portuguesa e inglesa. O senhor também trabalha com a noção de imaginários transnacionais que atuaram na formação destes campos nacionais. Como o senhor vê esta relação de compromisso local e conectividade transnacional no período pós-colonial, principalmente nas literaturas africanas de língua oficial portuguesa? Que transnacionalismos imaginados entraram em ascensão dos anos 1970 em diante?

Stefan Helgesson: Já respondi essa questão em parte. Há talvez uma diferença entre Angola e Moçambique apesar de no primeiro período pós-colonial partilharem o mesmo ethos socialista. Ambos os países eram parte de um internacionalismo socialista, que incluía a literatura russa, alemã, etc. O imaginário era formado segundo a lógica da Guerra Fria, no fundo. Hoje há em Moçambique um novo tipo de regionalismo e também antagonismo entre o país e a África do Sul. Os moçambicanos em geral, julgando das conversas quotidianas em Maputo, não gostam muito dos sul-africanos, pretos ou brancos. Isto, pois, os consideram arrogantes, mas é também o resultado dos contatos e de uma maior interação entre as duas populações. Como em todo mundo, a internet, as mídias sociais formam um novo tipo de imaginário que em algum sentido promove a ideia de que existe *um lugar nenhum, um não lugar*. De todo modo, as línguas ainda são importantes, apesar disso seguem ignoradas como fatores que formam esse imaginário. Há um imaginário transnacional de língua portuguesa que é ocultado no mundo anglófono, o mundo lusófono é ainda muito ofuscado.

Entrevistador: O sociólogo John B. Thompson e a socióloga Gisèle Sapiro têm trabalhado muito com a noção de campos transnacionais, baseados principalmente na existência de instituições transnacionais específicas que tiveram atuação impulsionada na segunda metade do século XX e início do século XXI. Trabalham nessa chave para evitar um senso comum que vê na globalização e no neoliberalismo forças que tornaram o espaço transnacional homogêneo e hipoteticamente livre de barreiras de circulação para os bens simbólicos e culturais. Como o senhor vê atualmente os espaços ou campos transnacionais de língua inglesa e o de língua

portuguesa? Podemos pensá-los em termos de campo transnacional de circulação e consagração de escritores, editores, agentes literários, etc.?

Stefan Helgesson: É importantíssimo diferenciar o transnacionalismo e reconhecer que existem vários tipos de vínculos e interesses também. Posso só esboçar uma resposta neste caso. Uma tendência que observo é a forte academização da literatura no mundo anglófono, combinada com uma orientação fortíssima em direção aos Estados Unidos e também Inglaterra, com os EUA em primeiro lugar. E vejo isso também na chamada anglosfera. Por exemplo, a Suécia pertence a este espaço e o campo literário sueco, é não somente, mas em grande medida anglo-sueco. Peguemos, por exemplo, os escritores que escrevem em sueco, quando eles leem literatura estrangeira normalmente estão lendo livros e autores em inglês, comumente literatura estadunidense ou inglesa. Essa predominância da língua inglesa é um fator incontornável no mundo de hoje e na formação dos campos transnacionais.

Podemos falar também em termos de instituições e editores, Sarah Brouillete tem escrito muito sobre o controle e dominação exercido por uns poucos editores no universo da publicação de língua inglesa. Caso consideremos os volumes de publicações existentes no mundo atual três centros de publicação se destacam em termos de volume os EUA, Europa (Alemanha, França, Espanha e Inglaterra, os maiores), China e Japão. O volume de publicações em África, por exemplo, é muito pequeno em comparação com esses lugares. Não tenho os números em mente, mas é uma dominação em termos materiais, de recursos, de competência editorial. No mundo globalizado esses recursos são extremamente desiguais.

No livro que organizei com Pieter Vermeulen, *Institutions of World Literature*, abordamos alguns aspectos dessas desigualdades. E nesse livro as intervenções de Gisèle Sapiro são importantes, pois é fácil reproduzir uma ideologia da globalização que se quer colocar como uma ideia de que as trocas de bens simbólicos se passam em um plano ausente de hierarquias, mas ela é muito desigual, também em literatura.

Sobre a língua portuguesa, ainda a acho marginalizada. Há traduções e alguns escritores que tem o papel de representantes dessa língua e suas literaturas, como Mia Couto, que é o representante de Moçambique e José Saramago, o representante de Portugal. Hoje não sei quem representa o Brasil, salvo Clarice. Aqui na Escandinávia as literaturas lusófonas são pouco conhecidas. Porém, por conta dos laços de solidariedade, por exemplo, entre Suécia e Moçambique, os escritores mais lidos são os escritores africanos, Mia Couto e José Eduardo Agualusa. Isso significa então que existe também um outro tipo de instituição como as políticas do Estado sueco que apoiam o desenvolvimento da África Austral, que tem igualmente um impacto no campo literário. Anos atrás escrevi um capítulo chamado “Modernism under Portuguese Rule: José Craveirinha, Luandino Vieira and the Doubleness of Colonial Modernity”, no volume 4 do livro *Literary History: Towards a Global Perspective* (HELGESESSON, 2011a), onde discuto os

aspectos estéticos dessa história. Mais recentemente, contribuí com um capítulo no *Cambridge Companion to World Literature* (ETHERINGTON; ZIMBLER, 2018; HELGESSON, 2018b), onde abordo essas questões a partir da dinâmica de traduções de Craveirinha, que é pouco traduzido pelo mundo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire. **Actes de La Recherche En Sciences Sociales**, [s.l.], vol. 89, n. 1, 1991, p. 3-46.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação liberdade, 2002.

ETHERINGTON, Ben; ZIMBLER, Jarad (Ed.). **The Cambridge Companion to World Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

HELGESSON, Stefan. **Writing in crisis: ethics and history in Gordimer, Ndebele, and Coetzee**. Scottsville: Universidade def KwaZulu-Natal Press, 2004

HELGESSON, Stefan. Clarice Lispector, J. M. Coetzee and the Seriality of Translation. **Translation Studies**, vol. 3, n. 3, 2010a, p. 318-333.

HELGESSON, Stefan. Literary Hybrids and the Circuits of Translation: The Example of Mia Couto. In: ANHEIER, Helmut; RAJ ISAR, Yudhishtir (ed.). **Cultural Expression, Creativity and Innovation**, vol. 3 of Cultures and Globalization. London: Sage, 2010b, p. 215-224.

HELGESSON, Stefan. Modernism under Portuguese Rule: José Craveirinha, Luandino Vieira and the Doubleness of Colonial Modernity. In: PETERSSON, Anders; LINDBERG-WADA, Gunilla; PETERSSON, Margareta; HELGESSON, Stefan (Ed.). **Literary History: Towards a Global Perspective**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2011a: p. 118-156.

HELGESSON, Stefan. **Transnationalism in Southern African Literature: Modernists, realists, and the inequality of print culture**. Nova Iorque: Routledge, 2011b.

HELGESSON, Stefan. João Paulo Borges Coelho, João Albasini and the Worlding of Mozambican Literature. **1616: Anuario de Literatura Comparada**, vol. 3, 2013, p. 87-102.

HELGESSON, Stefan. Pessoa, Anon, and the Natal Colony: Retracing and Imperial Matrix.

Portuguese Literary and Cultural Studies, vol. 28, 2015, p. 30-46.

HELGESSION, Stefan. 'Literature', Theory from the South and the Case of the São Paulo School. **The Cambridge Journal of Postcolonial Literary Inquiry**, vol.5, n. 2, 2018a, p. 141-157.

HELGESSION, Stefan. Translation and the Circuits of World Literature. In: ETHERINGTON, Bem; ZIMBLER, Jarad (Eds.). **The Cambridge Companion to World Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018b, p. 85-99 .

HELGESSION, Stefan; THOMSEN, Mads Rosendahl (Ed.). **Literature and the World**. New York: Routledge, 2019.

HELGESSION, Stefan; VERMEULEN, Pieter (Ed.). **Institutions of World Literature: Writing, Translation, Markets**. New York: Routledge, 2015.

KITTLER, Friedrich. **Discourse Networks 1800/1900**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

PETTERSSON, Anders; LINDBERG-WADA, Gunilla; PETERSSON, Margareta; HELGESSION, Stefan (Ed.). **Literary History: Towards a Global Perspective**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2011, p. 118-156.

ZIMBLER, Jarad. For neither love nor money: the place of political art in Pierre Bourdieu's literary Field. **Textual Practice**, vol. 23, n. 4, 2009, p. 599-620.